

OS JOVENS E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

YOUTH AND VIOLENCE AT SCHOOL

Maria das Graças Espirito Santo Tigre¹**Resumo**

No texto destacamos a evolução do conceito de “violência” e analisamos as mudanças socioculturais pelas quais a sociedade vem passando, bem como a maneira como essas influenciam o aumento da violência, principalmente entre os jovens. Destacamos também as formas como a violência tem se manifestado no ambiente escolar e detectamos que no enfrentamento do problema a ênfase é posta na correção do mesmo e não na sua prevenção. Para que a situação seja revertida, faz-se necessário as atenções voltarem-se para a construção da disciplina na escola, trabalhando no sentido de preveni-la e não apenas corrigi-la. Para que isso ocorra a escola precisa rever e redefinir sua função social e posicionar-se como articuladora de soluções possíveis, considerando que este é um problema que não pode ser enfrentado por um agente apenas. É preciso que o problema da violência na escola seja encarado como um problema de cunho pedagógico e uma compreensão mais ampla do que orienta as ações e decisões da geração jovem atual e os motiva a praticar atos de violência seja realizada.

Palavras-chave: violência na escola; representações sociais; práticas educativas; juventude.

Abstract

We pointed out in the text the evolution of the concept of “violence” and analysed the sociocultural changes society has been experiencing, as well as the way these changes influence the increase of violence, specially among teen-agers. The ways violence has been manifested in the school environment have been reported and we have detected that in facing the problem the emphasis is on the correction rather in its prevention. To reverse this situation, it is necessary to turn our attention to the building of school discipline, trying to prevent it rather than just correcting it. For this to happen, schools have to review and redefine their social function and position as the articulators of possible solutions, considering that this issue can not be approached by only one social agent. It is also necessary that violence in school be addressed as an educational problem and the motivations that lead youths to practice violence be analysed.

Key-words: violence at school; social representations; educational practices; youth.

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se na reflexão sobre a violência que ocorre nas escolas estaduais da cidade de Ponta Grossa – PR e é resultado da dissertação de mestrado intitulada “Violência na escola: representações sociais dos sujeitos envolvidos”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Buscamos investigar de que maneira a violência manifesta-se na escola, como ela é percebida pelos envolvidos na questão e quais têm sido os procedimentos desenvolvidos para enfrentá-la.

A coleta de dados da pesquisa deu-se através

da análise documental (relatórios^{II}), observação participante e entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos envolvidos (entrevistamos professores, equipe técnica pedagógica, funcionários e pais de alunos, além da responsável pelo Conselho Tutelar e dois policiais que fazem parte da Patrulha Escolar).

Após a leitura, organização e análise dos dados contidos nos relatórios, selecionamos quatro escolas (duas de periferia e duas centrais) nas quais realizamos observações sistemáticas.

Para o encaminhamento da investigação,

II Analisamos relatórios enviados pelas Escolas à Área de Ensino do Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa. Nesses documentos os Diretores e toda a comunidade escolar procuraram discutir e levantar em seu meio os principais problemas que enfrentavam, relacionados à violência, para que na sequência o NRE pudesse intervir.

¹ Doutoranda em Educação no PPGE da UFSCar. Professora de Didática na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

adotamos a metodologia qualitativa, em uma perspectiva interpretativa. Segundo Pérez Gómez (1998), a investigação educativa que se dá a partir da perspectiva interpretativa é um modelo alternativo que pode aparecer sob diferentes denominações, tais como qualitativo, naturalista, etnográfico, interpretativo. A preocupação básica dessa metodologia é indagar o significado dos fenômenos educativos na complexidade da realidade natural na qual se produzem. Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos a observação participante e entrevistas semi-estruturadas, envolvendo os diferentes segmentos da escola, e a análise documental. Também, utilizamos como aporte teórico para a investigação a teoria das representações sociais.

Por representações sociais podemos entender um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (apud SÁ, 1996, p. 31).

A representação social é, pois, uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto e está em constante transformação, fazendo parte da vida cotidiana.

Optamos por dividir este artigo em seções. Na Seção I, procuramos conceituar o termo “violência”, destacando as alterações de significado pelos quais o conceito passou nas últimas décadas.

Na seção II, “Os jovens e a violência”, damos destaque ao fato de que a violência praticada pelos jovens vem aumentando e que o conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbolicamente e materialmente pela escola, já não mais responde ao seu universo de necessidades.

Na seção III, apontamos as formas como a violência tem se manifestado nas escolas, onde não constamos casos mais graves, mas uma multiplicidade de violências menores – denominadas assim devido à reconceitualização pela qual a palavra passou nas últimas décadas.

Na seção IV, realizamos uma análise das mudanças socioculturais (marcadas principalmente pelo individualismo, a nova constituição da família, a crise de valores e a falta

de participação social) pelas quais a sociedade vem passando e a forma como essas influenciam o aumento da violência, principalmente entre os jovens.

Detectamos e apresentamos estes dados na seção V, que no enfrentamento da violência na escola a ênfase é posta na correção do mesmo e não na sua prevenção, e que as atitudes tomadas diante de situações conflituosas são muito limitadas.

Nas considerações finais, enfatizamos que para o problema da violência escolar sair do círculo vicioso em que se encontra, o que o torna um jogo de empurra-empurra, a escola precisa posicionar-se como articuladora de soluções possíveis.

VIOLÊNCIA: EM BUSCA DE UM CONCEITO

A temática da “violência na escola” constitui-se nosso objeto de estudo desde o início da década de 90. Nas primeiras leituras realizadas a respeito do assunto a palavra violência era utilizada para caracterizar homicídios, roubos, uso de armas, associados muito mais ao bandido do que ao aluno, e os conflitos vivenciados no meio escolar eram encarados, tão somente, como atos de indisciplina. Na época, não se falava em violência na escola, mas sim em indisciplina escolar.

Os autores que embasaram teoricamente nossas primeiras discussões a respeito do assunto foram: D’Antola (1989); Estrela (1994); Foucault (1987); e Vasconcellos (1992). Todos utilizavam o termo indisciplina^{III} para referir-se aos conflitos existentes no contexto escolar.

Revisitando a teoria a respeito do assunto, passamos a constatar, a partir da década de 90, uma proliferação de estudos sobre a violência, principalmente os relacionados ao contexto escolar, tendo em vista a relevância que o tema tem assumido na sociedade. Percebemos que a utilização do termo “violência”, nos trabalhos de Candau (1999), Nascimento (1999), Peralva (1997), Cardia (1997) e Guimarães (1996) passa a

III O termo “indisciplina” é relacionado intimamente ao conceito de “disciplina” e tende a ser definido pela negação ou privação desta, ou pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas. Indisciplina refere-se, portanto, ao “procedimento, ato ou dito, contrário à disciplina”. Sendo assim, indisciplinado é aquele que se “insurge contra a disciplina; rebelde; que não tem disciplina” (FERREIRA, 1999, p. 102).

ser empregado sem nenhum receio em ser considerado pesado demais para os conflitos que a escola vem enfrentando. Embora, exista uma falta de clareza e consenso a respeito do que se entende por violência, conceito que, quase sempre, é resultante da perspectiva com que cada autor aborda o tema.

O conceito de indisciplina parece ter sido incorporado ao de violência. Na literatura existente sobre o assunto, o que se encontra é uma variedade muito grande de definições a respeito do termo “violência”. A palavra é utilizada para denominar os mais diversos atos e a noção que se tem da mesma é, por princípio, ambígua: antecipadamente podemos concluir que não existe uma violência, mas uma multiplicidade de manifestações de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas dentro do contexto social e histórico em que ocorrem. É possível, assim,

[...] considerar a objetividade e a subjetividade da violência. É possível observar a violência de maneira universal. Quantificar, dizer objetivamente que tal fenômeno é violento. Por outro lado, não se afere muito bem o que considerar violento, o que a sociedade decreta ‘ser violência’ e, muitas vezes, o que um grupo crê ser violência não é considerado por outro (WASELFISZ, 1998, p. 145).

Para Michaud (1989), a violência ocorre quando, em uma situação de interação, um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

O que se evidencia é que não podemos separar as ações de praticar-sofrer violência, porque em momento algum elas se mostram independentes; muito pelo contrário, uma nasce dentro da outra, uma faz parte da outra, de forma tão estrita que, muitas vezes, torna-se impossível delimitá-las.

Não se pode negar que o termo “violência” passou por uma reconceitualização e isso se deve principalmente ao reconhecimento dos direitos sociais e ao aumento do exercício da cidadania vivenciada pela população, pois muito do que antes não era considerado como sendo violência, atualmente é assim considerado. Como exemplo

disso, citamos os conflitos de trânsito, as ofensas e discussões verbais, as desavenças, as agressões, o assédio sexual, o racismo, o trabalho infantil, os pais que batem nos filhos, a mulher que apanha do marido – o que era tratado na esfera privada, passa a ganhar visibilidade na esfera pública. Hoje, portanto, esses acontecimentos são vistos com outros olhos e deixaram de ser práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais.

As diferentes acepções do termo e a sua abrangência não nos permitem distinguir uma situação de violência de outra, muito menos um ato de indisciplina de um ato de violência, o que nos leva a inferir que existem elementos comuns entre ambos e o marco conceitual que os separa é muito tênue. Afinal, seria possível falar de uma sem citar a outra? Onde a indisciplina acaba e a violência começa?

Para efeito deste artigo, utilizaremos o termo “violência” considerando os elementos consensuais existentes sobre o conceito: a noção de coerção ou força; o novo referencial da violência que abarca manifestações que perpassam níveis diversos da vida cotidiana, tais como, as relações familiares, relações de gênero, relações na escola, dentre outras; o fato de ser um fenômeno que se manifesta nas diversas esferas sociais, tanto no espaço público quanto no privado, e de poder manifestar-se de forma física, moral, psicológica e simbólica, apresentando-se difundida em situações de humilhação, exclusão, ameaças, brigas, desrespeito, indiferença, omissão e negação do outro.

OS JOVENS E A VIOLÊNCIA

A violência não está apenas na escola, ela faz parte de um todo maior, possui diferentes dimensões é um fenômeno multicausal e plural. Para compreender tal fenômeno faz-se necessário o levantamento dos fatores estruturais e culturais que a envolvem, analisando-a no interior de um espaço teórico mais complexo.

Para Candau (1997), o estudo da violência através de sua dimensão estrutural enfatiza que a mesma é consequência da crise econômica, da miséria e do empobrecimento da população. Já a dimensão cultural, refere-se às profundas modificações ocorridas no sistema de valores e relações sociais no Brasil (expressa através da quebra de laços de solidariedade na sociedade e da crise das relações sociais tradicionais).

Estamos partindo do pressuposto de que a pobreza não pode ser apontada como a única responsável pela geração do crime e da violência – ela é uma das causas. Senão, como se explicariam os crimes bárbaros e covardes cometidos por jovens pertencentes às classes média e alta?^{IV} Como compreender a violência no trânsito?

Cardia (1997) constata em recente estudo que o aumento da violência vem ocorrendo principalmente junto a jovens, do sexo masculino, principalmente os moradores das grandes cidades. De acordo com a autora, hoje a faixa etária de risco é aquela situada entre 15 e 24 anos de idade.

O jovem tende mais à violência devido às características de sua faixa etária, somadas aos estímulos propiciatórios oferecidos pela sociedade contemporânea. A sociedade hoje possui um perfil indutor à violência, pois o protótipo de indivíduo que oferece ao jovem como modelo de identificação “é o do caráter frio, racional, egocêntrico, não afetivo, voltado para o culto do transitório ou efêmero e para a busca obsessiva do status material, utilizando-se de fontes de prazer evasivas e alienantes, evitando fragilizar-se em relações afetivas que visem tão somente privilegiar o convívio” (OSÓRIO, 1999, p. 531).

Não há como negar que a visão de mundo e o comportamento da nova geração que frequenta os bancos escolares mudaram. Percebemos hoje que o adolescente – nosso aluno – é um sujeito que vive sem projetos, sem ideais, a não ser cultivar sua auto-imagem e buscar a satisfação no imediato. Para a maioria dos jovens, trabalhar, “ser alguém na vida”, é visto como algo muito distante e, quase sempre, o se dar bem não está associado à escola. Isso faz parte do imediatismo que lhes é característico. Eles só querem saber do

hoje.

A ética que o mundo moderno transmite aos jovens não é uma ética de reflexão alicerçada na responsabilidade e sim na ação inspirada no oportunismo, na qual meios e fins estão confundidos e a violência encontra seu habitat ideal. Os jovens aprendem a não sacrificar o prazer de hoje pela segurança de amanhã, pois esta carece de fundamentação num mundo em que o futuro deixou de ser previsível e, quiçá, até mesmo de se fazer possível; igualmente apreendem que a violência é a única forma de nivelar privilégios (OSÓRIO, 1999, p. 532).

Para Bruckner, citado por La Taille (1996), nossa época cessou de reverenciar o estudo e a instrução. Os ídolos dos jovens estão em outros lugares e existe muito pouco da vergonha que assolava, há pouco tempo, o mau aluno, o ignorante. Pelo contrário, vez ou outra, reinam na mídia novos reis preguiçosos, os quais, longe de enrubescerem por não saber nada, orgulham-se disso. Não satisfeitos em ridicularizar a escola e a universidade, pretendem suplantá-las e provar que o sucesso e o dinheiro não passam mais por esses templos do conhecimento. Muitos nem têm mais orgulho de serem alunos. Nem vergonha de nada saberem. Então, por onde “segurá-los”?

Para esses adolescentes já não faz mais diferença perder ou ganhar, ser punido ou não. Sair ou permanecer na escola significa a mesma coisa, uma vez que esta deixou há muito tempo de representar a esse jovem um meio de ascensão social. Para manifestar essa indiferença eles recorrem freqüentemente à seguinte expressão: “não dá nada”; enquanto as pessoas envolvidas com o cotidiano escolar expressam o saudosismo de um tempo que já passou, dizendo: “no meu tempo era diferente”.

Não há como negar que:

Durante os últimos 15 anos, a brecha entre adultos e jovens aprofundou-se de tal modo que estes aparecem ante o olhar dos mais velhos como um recipiente cujo conteúdo é irreconhecível. ‘Os jovens de hoje têm a mente vazia, não lêem, não se interessam pela cultura nem pela política, não se comportam como cidadãos responsáveis, não há laços entre a linguagem deles e a nossa’, repetem pais e educadores. Os jovens, entretanto, ‘estão em outra’, o que não significa que estejam gerando uma nova cultura organizada (PUIGGRÓS, 1997, p. 37-38).

IV Algumas tragédias que temos presenciado, como o massacre ocorrido na escola Columbine, em Denver, USA, onde jovens atiraram contra seus colegas e professores, matando 13 deles, e a morte do índio Pataxó Gaudino, que foi incendiado por jovens da classe média de Brasília, mostram que os agentes da violência não são apenas garotos de sinaleiros, cheiradores de cola, batedores de carteira, ou mesmo os que foram cooptados pelo crime organizado. Os garotos americanos são filhos de famílias com boa situação financeira e os adolescentes de Brasília também são filhos de famílias bem sucedidas, o que demonstra que ser pobre não pode significar ser marginal ou criminoso – na verdade, a marginalidade na classe alta e na classe baixa é a mesma; o que muda é o tratamento recebido: enquanto a primeira tem advogado, psicólogo, a segunda tem a polícia e os institutos de recuperação.

Essa nova maneira de ver e ser no mundo expressa pelas novas gerações, explicita a crise por que estamos passando neste momento histórico. Crise que não é apenas de indivíduos, mas também de governos e instituições sociais; “é uma transição de dimensões planetárias. Como indivíduos, como sociedade, como civilização e como ecossistema planetário, estamos chegando a um momento decisivo” (CAPRA, 1998, p. 30). Caracterizamos essa crise como sendo uma ruptura paradigmática, ou seja, a passagem do paradigma da modernidade para o da pós-modernidade^V.

Estamos vivendo em uma época que não se assemelha a nenhuma outra já vivida e para a qual não fomos preparados, e o resultado disso é não termos referenciais para enfrentar os desafios com os quais nos defrontamos. Tudo aquilo que nos dava certeza, hoje gera insegurança. Até mesmo a ciência que oferecia alguns princípios para nossas conclusões, hoje está cheia de dúvidas e suas respostas são apenas provisórias e, até mesmo, contraditórias. É uma situação de instabilidade geral, em que as coisas acontecem e se transformam muito rapidamente. A instabilidade, a incerteza e a insegurança são marcas registradas de nossos dias (ALONSO, 1999).

A escola vem encontrando dificuldade em lidar com essa nova realidade e em enfrentar a violência que acontece dentro de seus muros. Isso aumenta a insegurança dos jovens que se encontram perdidos, não sabem o que devem fazer e menos ainda como devem fazer. Não conseguem discriminar o certo ou errado, o bom ou mau, o criativo ou destrutivo. Necessitam que alguém os oriente, mas não têm a quem recorrer, pois os adultos que estão com eles também se sentem perdidos e confusos, não servindo mais como figuras de identificação.

Os jovens não têm mais em quem se espelhar, eles não têm mais os grandes exemplos a serem seguidos, como tinham os jovens de décadas atrás. O que existe é um vácuo, um vazio. O fim dos grandes heróis é decretado com a pós-modernidade.

V Santos (1997) ironiza essa passagem, dizendo que a pós-modernidade é um fantasma que passeia por castelos modernos, o que pode dar uma pista de que não há como precisar o fim do moderno e o começo do pós-moderno. Devemos considerar aqui que as relações entre modernidade e pós-modernidade são ambíguas. Há mais diferenças que semelhanças, menos prolongamentos que rupturas.

Se considerarmos isso, começa a fazer sentido, por exemplo, que um traficante ou até mesmo Hitler, se caracterize como um herói para esse jovem, que se identifica com ele, pois enquanto “heróis”, eles estão fazendo uma leitura crítica, enviesada, revoltada e raivosa do mundo. Só a escola não consegue entender e não responde a isso, pois muitas das informações com as quais ela trabalha, são inadequadas para a interpretação do mundo e da realidade.

Outro aspecto que merece ser destacado e que tem adquirido peso sobre a produção da violência contemporânea é o individualismo – caracterizado hoje em dia como um estilo de vida – e resulta em contrastes bem perversos se consideramos que:

Diante de seu computador, o habitante de um bairro qualquer, numa cidade como o Rio de Janeiro, tem o mundo diante de si. Dominando um mouse ou manuseando o controle remoto de um simples aparelho de televisão, mesmo sem sair de sua poltrona, sabe dos acontecimentos, vence as distâncias; ao mesmo tempo, ignora o que se passa com seu vizinho, de quem possivelmente não sabe o nome; mas não consegue sair de seu apartamento, por medo dos que habitam sua calçada (ALEVATO, 1999, p. 81).

Essa atitude egocêntrica acaba constituindo-se um obstáculo às negociações da convivência social no dia a dia e faz com que os sujeitos sociais interessem-se apenas pelo que diz respeito a sua personalidade, aos seus afetos e impulsos e não ponderem as necessidades e desejos particulares em relação às necessidades do espaço público. Não lhe interessa a sociedade, apenas o seu grupo de amigos.

Os alunos estão na escola, mas são pouco receptivos à sua ação e não encontram sentido nos inúmeros conteúdos, atividades, provas, regras disciplinares, e diante disso, reagem com condutas violentas.

São esses argumentos que sustentam que a escola está em crise. Crise que se evidencia na recusa do aluno ao assumir o conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais responde ao seu universo de necessidades.

MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Constatamos em nosso estudo que as ocorrências mais graves de violência no espaço escolar não são tão frequentes como se veicula pela mídia. O que ocorre é uma multiplicidade de pequenas violências, citadas pelos sujeitos de nosso estudo como sendo: o desrespeito mútuo, desacatos entre os alunos e entre alunos e professores, brincadeiras agressivas e agressões físicas entre os alunos, desinteresse, depredação da escola e descaso com a autoridade do professor.

Classificação semelhante encontramos em Fukui (1992), Peralva (1997) e Candau (1999):

Dentro da sala, no horário da aula é aquela incidência de jogar chicletes [...] ocorre muita violência oral, desobediência, desacatos verbais (Professor).

Às vezes o modo como o aluno fala parece agressivo para o adulto, mas entre os próprios alunos é normal. Percebemos que certas falas do aluno que ofendem o professor, muitas vezes não ofendem o colega da mesma faixa etária, por ser o modo como os estudantes estão acostumados a se comunicar. Elas marcam as diferenças culturais entre as duas gerações.

Para Peralva (1997, p. 18), a violência contra o adulto é sempre motivada e pode ser vista como uma forma de protesto: "protesta-se contra o mau exercício, pelo adulto, de sua capacidade de julgar e promover a justiça".

Esta forma de manifestação da violência é a que mais ocorre em todas as escolas que serviram de base para o nosso estudo e se fez presente nas falas de todos os entrevistados:

[...] são ameaças, tentativas de intimidar o colega [...] dentro da sala de aula são empurrões e cutucões comedidos, ali as coisas se iniciam, mas não dá o estouro na sala de aula, dá no pátio, dá no intervalo, dá no momento que não tem ninguém para olhar" (Orientadora Educacional).

Essa forma de violência caracteriza-se, sobretudo, por insultos e brigas. Fukui (1992) destaca que é necessário distinguir a deterioração de materiais e instalações ligados ao uso diário de equipamentos e edificações pelas pessoas que

circulam pela escola, da depredação, que compreende ações como quebra de louças de instalações sanitárias, furto de torneiras, lâmpadas e até mesmo de portas e divisórias.

[...] praticamente todas as noites temos pedras em cima do telhado, no pavilhão de baixo e do pátio coberto. Nosso pátio coberto está com cerca de vinte rombos no telhado, devido ao tamanho das pedras que eles jogam... infelizmente no meio desse pessoal que apedreja a escola tem alunos nossos (Diretora).

Uma forma de enfrentar o vandalismo é abrindo a escola para a comunidade, de forma que as pessoas possam nela inserir-se e dizer: "Essa escola também é minha". Assim, a mesma estaria representando seu papel de bem público que é.

Guimarães (1996, p. 26) diz existir uma possível relação da depredação escolar como forma de contestação. Citando Da Matta, a autora destaca que o "quebra-quebra é um grito e tem como objetivo obter um reconhecimento através deste ato violento, que anuncia a voz daqueles indivíduos destituídos, que as elites consideram de segunda classe".

Os casos de invasão da escola por grupos e pessoas estranhas influenciam e prejudicam a vida escolar, sua organização e sua lógica institucional.

[...] as brigas acontecem porque pessoas de fora entram aqui na escola para aprontar (Aluno).

Outras formas de interferência de grupos externos são apontadas por Fukui (1992): as invasões por parte de "alunos insistentes", ou seja, aqueles alunos que, embora tenham abandonado os estudos, ainda estão matriculados e vão à escola para jogar bola, participar de algumas atividades, namorar, encontrar os amigos. O que eles procuram é desfrutar de um mínimo de convívio social; a invasão pela população do bairro, que segundo a autora, ocorre mais pela facilidade de acesso do que por uma ação agressiva; invasão para ações violentas, como assaltos a mão armada, agressões, ameaças, lesões corporais; e a invasão pela polícia ou representantes de outras instituições.

CAUSAS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

As causas apontadas como responsáveis pelo

aumento da violência escolar pelos sujeitos da pesquisa, referem-se muito mais a aspectos socioculturais do que aos estruturais. Os mais citados foram: a família, que está desestruturada e não acompanha a vida escolar dos filhos, a impunidade, a inversão ou ausência de valores morais, éticos e religiosos, o desinteresse, as más companhias, o desrespeito, a falta de diálogo e as drogas. Alguns professores destacam ainda o desinteresse e a falta de perspectiva de futuro da sua clientela.

Além de ensinar, os pais esperam que a escola eduque seus filhos, forme valores, discipline e coloque limites nos jovens. Esperam, ainda, que ela dê uma boa educação e acompanhe a vida emocional de seus filhos.

Essa sobrecarga da função da escola deve-se a grande transformação que ocorreu na organização familiar nas últimas décadas: a família nuclear^{VI}, patriarcal, cujo modo de organizar as relações do casal na sociedade industrial é baseado na divisão sexual do trabalho, em que a mulher é relegada ao âmbito privado, dá lugar a uma grande diversidade de formas familiares.

É muito comum nas famílias atuais o pai e a mãe trabalharem fora para garantir seu sustento. Isso faz com que eles, de uma maneira geral, sejam menos rígidos com os filhos, uma vez que se sentem culpados por estar fora de casa o dia todo. Com isso, acabam não colocando limites para as atitudes dos filhos. O ser bonzinho está associado à culpa de estarem ausentes.

A família não tem mais tempo para os filhos. Acho que eles só pensam em trabalhar e ganhar dinheiro... ai chega a noite e a mãe quer fazer a janta, ver televisão, assistir novela e a criança vem conversar e ela diz: agora eu não tenho tempo [...]. Acho que nem jantar mais junto eles jantam. Cada um pega o seu prato, e um come agora, eu outro come depois [...] (Mãe de aluno).

A lacuna deixada pela mulher ao sair de casa para ingressar no mercado de trabalho, não foi preenchida. Por isso, acreditamos que nossos questionamentos não devem girar apenas em torno do fato de a família estar desestruturada ou não, mas sim em torno da reestruturação da sociedade

e de suas estruturas de poder.

Outra causa muito apontada é a crise de valores – a ausência de valores, a falta de valores morais, culturais, éticos e religiosos, a falta de valores humanos como o respeito e o companheirismo.

O discurso conservador postula o desaparecimento dos valores e culpa, principalmente, a geração mais jovem por isso. Concluir que as coisas estão como estão em decorrência da falta de valores de nosso tempo, implica questionar: falta de quais valores mesmo?

“No meu tempo” e “para toda a vida” não existem mais, nem no trabalho nem no casamento. São expressões que já perderam o sentido, dadas as características da sociedade atual de estar sendo constantemente repensada e da realidade que nos cerca não poder ser dada como certa e absoluta. Constantemente precisamos decidir entre as opções possíveis.

O que fica evidente é que pais e professores querem repetir com seus filhos e alunos o modelo de educação autoritário em que foram criados. Como isso não é mais possível, sentem dificuldades em estabelecer limites e regras a serem cumpridas.

A ESCOLA E O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

A ação da escola frente aos problemas de violência com os quais se depara tem se resumido basicamente em dar advertências orais e escritas aos alunos, chamar a polícia ou encaminhar o aluno ao Conselho Tutelar. Não detectamos ações ou projetos que procurassem envolver o coletivo escolar e muito do que é implementado parte de ações isoladas dos professores, não representando um referencial a ser utilizado pelos demais envolvidos no processo pedagógico.

Os alunos queixam-se, estranhamente, que não há punição para os seus atos e referem-se à impunidade como sendo um dos aspectos que contribuem para a geração da violência na escola. Eles exigem mais punição e também suspensões, dentro do imediatismo que lhes é característico. Atitudes que a escola nem sempre pode adotar.

A impunidade é percebida como algo grave pelos profissionais que atuam nas escolas, os quais admitem que os alunos que infringem regras deveriam ser punidos com maior rapidez, mas isso nem sempre acontece, e quando ocorre, nem sempre são utilizados os mesmos critérios para

VI Composta por pai, mãe e algumas crianças vivendo numa casa.

estabelecer a punição, o que é logo percebido pelos alunos. Na opinião dos entrevistados:

A cultura disciplinar que nosso aluno tem hoje é a cultura de racha, de dá ou desce, não é de processo [...] eles são imediatistas. É um imediatismo impulsivo, ali, na hora (Orientadora Educacional da Escola A).

[...] ou se toma uma atitude agora, ou depois a medida não vai mais resolver, não é mais educativa (Conselheira Tutelar).

Somente podemos punir se as regras do jogo estiverem explícitas e, na escola, percebemos que nem sempre isso acontece. Antes de tudo é necessário trabalhar melhor a questão com os envolvidos no processo pedagógico, para daí então se falar em punição do aluno, que precisa, primeiramente, compreender o que são as normas e regras, para depois aceitar o que lhe está sendo solicitado. Essa regulamentação deve estar ao alcance de seu entendimento e maturidade. Só então poderá ser exigida a sua participação.

Hoje, se formos aplicar o que os alunos, professores e mesmo os pais, pedem em termos de punição, estaríamos cometendo um crime de tortura, possível da sanção prevista no artigo 233 do ECA. Constitui crime de tortura:

I – constringer alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

- a) com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa;
- b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;
- c) em razão de discriminação racial ou religiosa;

II – submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.

Pena: reclusão, de dois a oito anos (ISHIDA, 2000, p. 400-401).

Analisando os regulamentos das escolas pesquisadas, no que se refere às sanções prescritas aos alunos, percebemos que não existe uma diferença substancial de um estabelecimento para

o outro e as mesmas valem para todas as Escolas Estaduais da cidade de Ponta Grossa. A base para a elaboração dessas medidas encontra-se no ECA e são denominadas de medidas sócio-educativas:

Consistem basicamente em: advertência verbal; advertência escrita com notificação e ciência pelos pais e responsáveis; encaminhamento à Orientação Educacional; suspensão temporária das aulas, devendo o aluno permanecer na escola, realizando atividades dos conteúdos ministrados em sala de aula, garantindo-se ao mesmo o direito de fazer as avaliações e os trabalhos; e, em último caso a transferência para outro estabelecimento de ensino, em caso de absoluta incompatibilidade com o regime disciplinar da escola.

Tais medidas pedagógicas aplicadas ao aluno parecem não surtir o efeito esperado. Sozinhas elas não resolvem o problema, pois não são percebidas pelos alunos como medidas eficientes. É isso que os leva a afirmar que o gera a violência na escola é a impunidade.

Depois de tomar todas as providências pedagógicas cabíveis e esgotar os recursos disponíveis, a escola pode encaminhar o aluno ao Conselho Tutelar. Tal orientação consta no ECA.

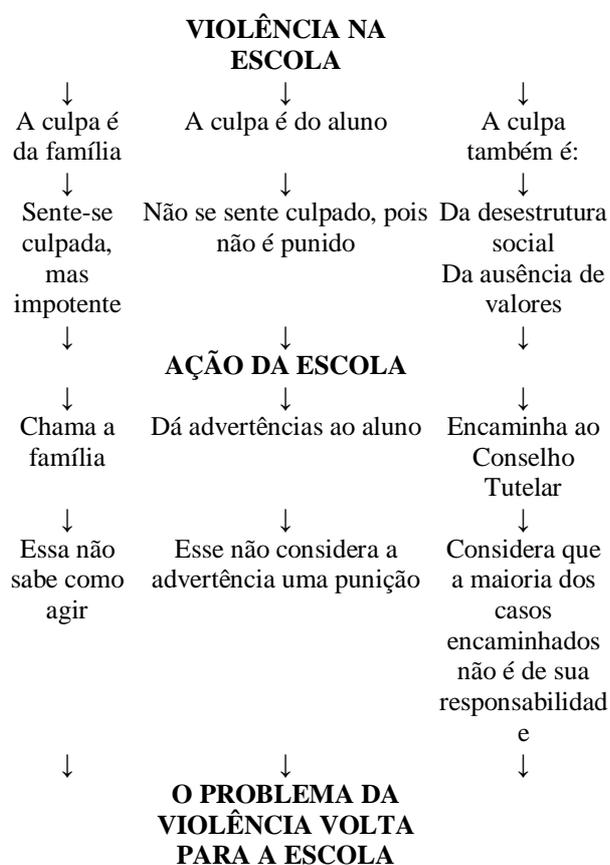
Porém, segundo a Conselheira Tutelar entrevistada, muito do que chega ao Conselho não diz respeito a ele:

[...] o que vem muito para nós não é o problema de violência, é o problema de indisciplina escolar [...] são questões que a escola pode resolver, não tem necessidade de encaminhar para o Conselho Tutelar. Isso até por desconhecimento da própria atribuição da escola ou do Estatuto. Existe aquele medo de tomar uma atitude com relação àquele adolescente [...] (Conselheira).

A escola em muitos casos sabe disso, mas usa o encaminhamento ao Conselho Tutelar exatamente por saber do medo que os pais têm das punições que podem ser aplicadas pelo mesmo, ou então, porque parece ser a solução mais fácil para o problema.

Em síntese, o problema transforma-se em um círculo vicioso, em um jogo de empurra-empurra que retorna sempre ao ponto de partida: a escola. Que não se vê como articuladora de soluções possíveis.

Quadro 1: O mapa delineado pela violência na escola



Os pais aparecem como sendo os principais responsáveis pelo problema e, o que é pior, se admitem culpados. Todavia, delegam à escola a tarefa de colocar os limites necessários ao bom comportamento do filho; os alunos cobram atitudes e dizem ser a impunidade de seus atos a principal causa geradora da violência; o Conselho Tutelar e a Patrulha escolar admitem que muito pouco podem fazer e que a maioria dos casos podem e devem ser resolvidos pela escola.

O problema que se manifesta na escola, após percorrer várias instâncias, a ela retorna. O que se espera é que alguém faça alguma coisa, mas como nenhum dos envolvidos sente-se realmente responsável em liderar uma ação e muito pouco tem acontecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos destacando que, um cuidado a ser tomado em relação ao conceito de violência é no sentido de não transformá-lo em *slogan*, esvaziado de sentido pela própria saturação a que

se expõe. Esse é um fenômeno típico dos tempos pós-modernos, o qual Baudrillard (1992) denomina de “centrifugação dos fatos”.

Mesmo sem querer, quando se utiliza apenas o termo violência como um conceito “guarda-chuva”, camuflam-se questões muito sérias das quais a escola perfeitamente poderia dar conta, mas em geral não o faz. Deixa-se, assim, de falar e de refletir sobre algo muito importante e que há muito vem sendo deixado de lado: a construção da disciplina. A consequência disso é o que vemos na escola: os alunos até tentam agir de forma correta, mas não sabem o que é ser disciplinado, muito menos quais são os seus limites. Isso faz com que o problema se agrave, e se hoje chegou ao ponto em que está, com certeza foi devido à negligência com as questões disciplinares, pois aquilo que antes era problema disciplinar, hoje assumiu outras proporções, outras dimensões.

A partir do momento em que não se fala mais em indisciplina, em construção da disciplina na escola e se vê como problemas de violência quaisquer atos ou comportamentos indesejados do aluno, tem-se a impressão de que a escola, deliberadamente ou não, prefere transferir a outros o que é de sua competência: buscar soluções para as situações adversas que nela ocorrem. Afinal, violência não é a escola quem resolve. Violência é um problema externo, é caso de polícia, é caso de encaminhamento ao Conselho Tutelar. Essa é uma questão muito séria e que precisa urgentemente ser repensada.

Em se tratando de violência, não adianta tentar delimitar o problema dizendo, aqui é responsabilidade da família, aqui é da escola, aqui é do Conselho Tutelar, porque a educação não deve ser encarada como um problema de um agente apenas. Não há validade em se apontar culpados e também não adianta pensar que a escola hoje possa fazer alguma coisa que valha a pena, sozinha. É ingenuidade afirmar que apenas propostas pedagógicas resolveriam o problema da violência na escola, uma vez que a problemática é extremamente complexa e associada a uma multiplicidade de fatores.

No entanto, a escola precisa perceber que o seu papel na formação dos alunos vai muito além do ensino de conteúdos e deve abranger a formação da pessoa e do cidadão. Para que isso ocorra, não pode se furtar de proporcionar aos jovens o envolvimento em projetos de cooperação e de participação em atividades sociais, criando um espaço público em seu interior, que seja capaz

de sinalizar para as crianças e jovens que a escola tem um valor positivo.

REFERÊNCIAS

- ALEVATO, Hilda Maria Rodrigues. Qualidade: um mito pós-moderno. In: TEVES, Nilda; RANGEL, Mary. **Representação social e educação**: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas: Papirus, 1999. p. 79-114.
- ALONSO, Myrtes. Formar professores para uma nova escola. In: QUELUZ, Gracinda (Orient.); ALONSO, Myrtes. **O trabalho docente**: teoria & prática. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 9-18.
- BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos**. Lisboa: Terramar, 1992.
- CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação e NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 447 p.
- CARDIA, Nacy. A violência urbana na escola. IN: GUIMARÃES, Eloisa; PAIVA, Elizabeth (Orgs). **Violência e vida escolar. Contemporaneidade e Educação**: Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Rio de Janeiro: IEC. Ano II, n. 02, p. 26-69, 1997.
- D'ANTOLA, Arlete (Org.). **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.
- DE LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **A indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, V. I.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, V. II.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica. Disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FUKUI, Lia. Segurança nas escolas. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Violência e Educação**. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992. p. 103-124.
- GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambigüidade. Campinas: Autores Associados, 1996.
- ISHIDA, Válder Kenji. **Estatuto da criança e do adolescente**: doutrina e jurisprudência, 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**: nem vítimas, nem culpados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- LEVISKY, David Léo. **Adolescência pelos caminhos da violência**: a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MICHAUD, Ives. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- NASCIMENTO, Maria das Graças. **Violência e Escola**: o que pensam os professores. Rio de Janeiro: maio, 2000. 13p. **Anais do X ENDIPE/2000**. 1 CD ROM.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Agressividade e violência**: o normal e o patológico. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violências no tempo da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 522-543.
- PERALVA, Angelina. **Escola e violência nas periferias urbanas francesas. Contemporaneidade e Educação**. Rio de Janeiro: IEC, ano II, n. 2, p. 7-25, 1997.
- PÉREZ GÓMEZ, A I. Compreender o ensino na escola: modelos metodológicos de investigação educativa. IN: SÁCRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 99-117
- PUIGGRÓS, Adriana. **Voltar a educar**: a educação latino-americana no final do século XX. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. 111p.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez, 1998.
- ZALUAR, Alba (Org.). **Violência e Educação**. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.

Recebido:10/11/2009

Aceito:10/02/2010

Endereço para Correspondência: Maria das Graças Espírito Santo TIGRE <charlottegra@hotmail.com>